**MUNDIALIZAÇÃO**

**Deoclécio Gomes Petry[[1]](#footnote-1)**

**Antonio Cossetin de Oliveira2**

**Carlos Alberto Pires3**

**RESUMO**: Este artigo tem por objetivo fazer uma análise das principais transformações econômicas e sociais ocorridas no final do século XX e início do século XXI, onde o capitalismo vai tomar proporções mais acentuadas através das grandes empresas transnacionais e vai expandir-se muito rapidamente pelos quatro cantos do planeta com grande magnitude e ganância, não respeitando as fronteiras territoriais, e impondo uma concorrência desleal com as empresas de pequeno porte, que por não conseguirem fazer frente a estas mudanças acabaram sucumbindo ao grande capital que começa a crescer e desenvolver-se mundialmente, essas empresas de capital transnacional não respeitarão os cidadãos e muito menos a classe operária que vai sofrer na pele com o desemprego causado pelas novas tecnologias implantadas no setor industrial com a invenção de novas máquinas, tanto para o setor urbano como para o trabalhador do campo. Esse grande capital explorador que graças as informações que hoje tem a sua disposição pode fugir das crises financeiras de alguns países, isto é, desterritorializando-se para em seguida territorializar-se, aproveitando os benefícios fiscais que lhe são oferecidos por outros países.

PALAVRAS-CHAVE: Capitalismo; Globalização; Fordismo; Mais- valia; Mundialização; Toyotismo.

**Abstract:** This article aims to analyze the major economic and social transformations that occurred in the late twentieth and early twenty-first century, where capitalism will be said to be more pronounced across the large corporations and will expand very quickly to the four corners of the planet with large magnitude and greed, not respecting territorial boundaries, and imposing unfair competition with small businesses, who cannot cope with these changes ultimately succumbed to big business that starts to grow and thrive worldwide, these transnational capital companies do not respect the citizens, much less the working class who will suffer in the skin with the unemployment caused by the new technologies implemented in the industry with the invention of new machines, both for the urban sector as for the field worker. This great explorer who favors ace capital information that has at its disposal today can escape the financial crises in some countries, that is, to deterritorializing then territorialize up, taking advantage of tax benefits that are offered by other countries.

Key-words: Capitalism; Globalization; Fordism; Added Value; Toyotism.

**O Pensamento de Gramsci e mundialização.**

Em abril deste ano celebrou-se os 75 anos da morte de um jovem pensador, vivendo apenas 38 anos de vida sendo que mais de um terço de sua vida permaneceu preso. Grande parte de sua obra, e de seus cadernos foram escritos na prisão, como mensagens, que depois foram reproduzidas para os mais longínquo lugares do mundo, ultrapassando fronteiras, territorializando novas ideias, mundializando seu pensamento, por isto queremos iniciar falando do militante politico Antonio Gramsci um dos primeiros Marxista Italiano.

Gramsci é um dos autores mais difundido no mundo no âmbito das Ciências Sociais do pensamento Político da Filosofia, pedagogia, História e na crítica Literária. A bibliografia Gramsciana publicada pelo historiador americano John Canmett em 1991 alcançou 12 mil títulos em 30 idiomas diferentes mundializando seu pensamento com um numero enormes de publicações dedicados a livros, ensaios, artigos. Para divulgar esta fortuna de Gramsci foi organizado por seus adeptos estudiosos, leitores apaixonados, militantes políticos, e sindicais, uma Sociedade internacional de estudiosos de Gramsci global a Internacional Gramsci Society (IGS) fundado em 1998 dedicados a difundir e seguir seus passos, sua obra, seu pensamento. Liguori (1998).

Entre os temas estudados pelos seguidores de Gramsci estão entre outros a globalização e mundialização, qual dos conceitos que representariam mais nesta conjuntura de avanços e crises, transformações, e desenvolvimento capitalista na esfera planetária. Neste artigo LIGUORI (1998) a globalização é aquela hipótese sobre a modalidade contemporânea do capitalismo ou se preferir da modernidade pela qual se teria modificado radicalmente a relação entre economia, espaço, política, território. E continua, globalização é uma série de transformações quantitativas que não modificam na substancia o modelo capitalista, que temos diante de nós bem como suas leis de funcionamentos. Outros estudiosos rejeitam o termo globalização falando antes da mundialização, segundo o autor versão fraca que remete à hipótese já se tendo integrado e internacionalizado, as economias industriais entre os séculos XIX e XX que a aceleração de trocas hoje verificável em vários níveis (produtivos, financeiros e de consumo), em âmbito macro regional não se acentuando na escala global.

Segundo o autor, *Marx sempre viu o capital como fenômeno mundial.* E para Gramsci *toda atividade econômica de um País só pode ser julgada em relação ao mercado internacional. Existe e deve ser avaliada na medida em que se insere numa unidade internacional. Não existe um balanço puramente nacional da economia nem para um conjunto, nem para uma atividade particular.*

O texto cita os autores Anglo-Saxões:

Tiveram profundo estudo e assim escreveram sobre economia global e economia internacional, discordando mais, da globalização não se recusam, portanto de acolher e sublinhar as grandes alterações ocorridas nas últimas décadas na economia mundial mas não necessariamente uma economia globalizada. Hirst e Thompson, (1995).

Em sua obra se evidência o ponto de contraste onde se encontram os adeptos da teoria da mundialização e os da teoria da globalização. Segundo os autores o que fica em jogo nesta disputa é o papel do estado nacional. Se a ênfase é para a globalização da produção onde tudo é globalizado, a função do estado nacional vai aos poucos se tornando supérflua. Por outro lado eles afirmam que as empresas continuam enraizadas em suas economias nacionais sendo provável que nesse modo pretendem continuar.

Assim os autores continuam argumentando e trazem uma série de contra indicações para duvidar ainda mais do sentido globalizante do capitalismo.

Primeiro a autonomia das economias nacionais entre o fim do século XIX e a primeira Guerra Mundial foi muito inferior do que as autonomias que os estados nacionais tem hoje.

Segundo as empresas internacionais em geral estão firmemente estabelecidas em seu território de origem, em termos de atividade comercial global. Mas continuam enraizadas bem fixadas no território nacional como empresa multinacional e não empresa transnacional.

Terceiro as próprias empresas são profundamente nacionais apesar de outros terem a retórica da defesa do conceito de empresa global.

Quarto a riqueza e a renda não são globais sendo distribuída em nível nacional e regional. Estados nacionais desempenham o papel importante inclusive nos processos internacionais. Estado conserva e mantém um controle territorial sobre as pessoas e sobre a movimentação que as pessoas fazem. Os estados tem um papel de primeiro plano na atual economia internacional. Os autores (Hirst e Thompson) terminam a concluem suas defesas reafirmando que os mercados e as empresas não podem existir sem um poder público que os proteja, mas não ignorando os processos de internacionalização existente hoje e o fortalecimento dos poderes supranacionais. Hirst e Thompson,( 1995).

Segundo o texto a economista americana, Susam George, citada no artigo LIGUORI (1998) que casualmente prefere não usar o termo mundialização, argumenta que sobre isto existe uma função de lobbying ideológico acrescentando que durante todo ano centenas de milhões de dólares são investidos para (produzir e difundir a ideologia neoliberal). Milhares de intelectuais, usando revistas, jornais, rádio, televisão, todos os meios de comunicação, desenvolveram uma infraestrutura intelectual subjacente à mundialização e acrescentaram mais ainda graças a esta infraestrutura usada que o pensamento único triunfou. Os novos atores mundiais tem necessidade de regras para governar a mundialização. O mito da globalização se enquadra plenamente na revolução neoliberal, exigência da brusca redução do estado nacional. A globalização como uma mundialização enriquecida de um surplus ideológico justamente o neoliberalismo.

A mesma autora acrescenta mais ainda, a ideologia liberalista da era da globalização onde os estados são, ou estão se tornando rapidamente destituídos com influência supérflua onde governos, partidos e política da maneira que está atuando não tem mais futuro nenhum. A globalização a transnacionalização das empresas deslocaram definitivamente o verdadeiro papel do estado tornando-o inoperante sem sentido de existir. Na ideologia da globalização há uma redução radical do estado defendida na essência do neoliberalismo. Para alguns em breve acabará de todo também o estado espremido a montante pelo mercado e o jusante pelos regionalismos e localismos. Voltando ao grande pensador GRAMSCI (1919) o *estado sempre foi o protagonista da história, a sociedade como tal é pura abstração*.

**O geógrafo Milton Santos e a mundialização.**

O espaço se globaliza mas não é mundial, como todo, senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais, mas não há espaço mundial. Quem se globaliza mesmo são as pessoas e os lugares. Santos (1997).

O espaço mesmo globalizado está dentro de um território denominado nacional na interpretação do autor ele não é um espaço mundial. Já os lugares junto com as pessoas e os mesmos são criados pelas pessoas que circulam muito ultrapassando fronteiras estes sim segundo o autor são globalizados.

Segundo SANTOS (1997) *estes lugares são espaços hegemônicos, onde se instalam as força que regulam ação em outros lugares*, vamos citar um exemplo as bases militares impostas pelas nações mais poderosas, seja só pelos Estados Unidos, ou em conjunto com outros países dos chamados grupo dos G7, em nome de manter a ordem mundial não respeitam os limites de fronteiras.Ainda conforme SANTOS (1997) *A nova ordem mundial que se constrói é baseada numa competividade sem limites morais.* Para o capital neste jogo de disputa tudo vale mais neste momento mesmo criando contradições entendemos que grande parte da sociedade ainda não compreendeu a decifrar os códigos, acaba dando a impressão que quem vence é quem tiver mais preparado no uso da força e poder. O autor continua enfatizando que as tentativas de construção de um mundo só, sempre conduziram a conflitos, porque se tem buscado unificar e não unir. E o que é federativo a nível mundial não é vontade da liberdade, mas da dominação. Não é o desejo da cooperação, mas da competição sem limite. O mundo fraterno com justiça social e solidariedade não tem espaço dentro deste modelo econômico perverso do capital.

De acordo com SANTOS (1997) a dimensão mundial é o mercado, a dimensão mundial são as organizações ditas mundiais instituições supranacionais, organizações internacionais, universidades mundiais, igrejas dissolventes, o mundo como fábrica de engano. Nunca o espaço do homem foi tão importante para o destino da história como diz (SARTRE) ”compreender é mudar” fazer um passo adiante é “ir além de mim mesmo”. Uma geografia refundada, inspirada nas realidades do presente, pode ser um instrumento eficaz, teórico e prático para a refundação do planeta. O autor não se engana quando afirma que o mercado é que tem mais importância na dimensão mundial tudo passa ser mercadoria seja no mundo da produção em geral em todos os aspectos ou no mundo da busca de conhecimento tem de pagar o professor (a) a escola a universidade o conhecimento científico tem um preço, e até mesmo na dimensão do espirito religioso, as igrejas se tornaram em grandes conglomerados comerciais onde se vendem mercadorias para aliviar o espirito e salvar a alma. A humanidade vive hoje constantemente enganada onde tudo tem preço, tudo no capital é mercadoria.

Os sistemas técnicos criados recentemente se tornaram mundiais, com os recursos da tecnologia facilita o avanço da comunicação das informações, dos serviços, da produção, das descobertas da informatização, aumentou a velocidade da circulação e venda de mercadorias se tornando mundiais, usando menos espaço e tempo. De acordo com SANTOS (1997) o espaço é tornado único à medida que nos lugares se globalizam. Cada lugar não importa onde se encontre revela o mundo (no que ele é mas também naquilo que não é) já todos os lugares são suscetíveis de intercomunicação. É muito difícil dizer que hoje em pleno século XXI tem algum lugar ainda não descoberto ou visto pelos olhos humanos seja ele conhecido pela via terrestre, fluvial, ou aéreo até mesmo usando os recursos da tecnologia fotos por satélite ou outros.

De acordo com SANTOS (1997) o autor vai redefinindo que temos de um lado sistema técnico hegemônico e de outro lado um novo sistema social hegemônico. Cujo ápice é ocupado pelas instituições supranacionais, empresas multinacionais estados que comandam objetos mundializados e relações sociais mundializadas.Tanto no sistema técnico como no sistema social, seu espaço é territorializado e determinado pela vontade das instituições do capital ou pela vontade dos estados nacionais a serviço do capital, a eles interessa todo conhecimento técnico e controle social. As relações que acontecem entre todos os lugares controlados pelos mecanismos acima citados a isto são chamados de espaço mundial. Segundo SANTOS (1997) as possibilidades mundiais concretas e pelas possibilidades mundiais efetivamente utilizadas pelos atores hegemônicos a isto é chamado de tempo mundial. Os demais tempos são subalternos. É essa a base empírica da construção teórica de um tempo e de um espaço mundializados. Segundo SANTOS (1997) ressalta com ênfase que nas teses em geral e em todos os níveis em praticamente todos os centros, de ensinos, Faculdades, Universidades, o mundo é quase ignorado. Sendo ignorado como mundo e também enquanto referência bibliográfica a qual é sempre localista. Então essa busca de recuperar o que o mundo é em um momento em que o mundo mudou completamente atrasando assim a elaboração teórica. O mundo do ponto de vista dialético não é está sendo, transformado a cada momento da história ,o capital do ponto de vista dos autores até aqui mencionados neste trabalho, tanto com a mundialização como a globalização, estas duas interpretações agradam o capital a exercerem uma hegemonia no controle dos estados nacionais em todas as dimensões de suas territorialidades.

Segundo SANTOS (1997) nunca conhecemos tanto o mundo como hoje o conhecemos, são utilizados fax, telefones, fotos de satélites, ou até mesmo, os recursos da informática que nos trazem imediatamente as notícias para televisão. Assim quem tem poder escolhe precisamente o melhor lugar, o território, onde vai exercer esse poder, e aplicar com mais segurança e melhor seu dinheiro. Esta questão da mundialização apareceu primeiramente pelos menos no caso brasileiro na geografia e não nas ciências sociais, ou na sociologia, onde só agora começa ser debatido. Na geografia brasileira intelectuais como Milton Santos reconhecido mundialmente interpreta em seus trabalhos escritos, parte de sua obra o termo mundialização. Já o sociólogo Otavio Ianni trabalha este termo em sua obra a sociedade global na qual vamos nos referir a partir deste momento.

Ainda segundo SANTOS (2007) a globalização como perversidade, ela é de fato para a grande maioria da humanidade uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades como a SIDA se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem o seu retorno triunfal. A mortalidade infantil permanece, a despeito dos progressos médicos e da informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, e a corrupção.

A possibilidade de circular internacionalmente transformou-se em um modelo a ser seguido. A aquisição de credenciais curriculares internacionais passou a ser uma prática valorizada nas principais universidades do País que ofertam condições de trabalho menos precária. Milton Santos, um intelectual brasileiro negro, do campo disciplinar da geografia depois de lecionar em universidades de vários países, tais como, França Canadá, Venezuela, Tanzânia e Estados Unidos disse: “O reconhecimento do nosso trabalho no exterior já que vinha se dando lentamente, ganhou um fato publicitário maior com o prêmio Vautrin Lund, que gerou uma onda Milton Santos no Brasil”. Ou seja, o reconhecimento no campo acadêmico nacional ocorreu do reconhecimento internacional do seu trabalho. Mazza (2008).

**A Sociedade Global e a mundialização.**

Segundo IANNI (1996) a história do capitalismo pode ser vista como a história da mundialização da globalização do mundo. O autor faz uma retrospectiva histórica de todo processo de caminhada do capital em suas várias fases desde o século XVI até o século XX, assim passamos pela acumulação originária, mercantilismo, absolutismo, despotismo esclarecido, as revoluções burguesas, os imperialistas, as revoluções de independências, as revoluções socialistas, o terceiro mundismo e a globalização em marcha neste altura da história. O autor para interpretar seu raciocínio faz uma análise do desenvolvimento do capital em todas suas fases desde a gênese desenvolvimento e consolidação da sociedade burguesa, em quatro séculos. Segundo o autor cabe observar que o caráter internacional mundial ou planetário do capitalismo não é sempre o mesmo, altera-se conforme a época, no jogo de forças no mercado mundial. O que este sistema econômico já fez para sugar mais e sempre a mais-valia, essência principal extraída da força de trabalho de milhões trabalhadores(as) apropriando-se do lucro, sempre acumulando e concentrando mais riqueza a custa da miséria da maioria da população mundial.

Segundo IANNI (1996) em meados do século XIX predominava a nação capitalista mais desenvolvida. Até a primeira guerra mundial predominaram os imperialismos ex: sistemas mundiais bem articulados, diretrizes das nações ou metrópoles; Londres, Paris, Berlim, Bruxelas, Amsterdam, Roma, New York, Tóquio. Estas são grandes metrópoles sedes principais dos estados nacionais mais desenvolvidos no mundo capitalista. Sendo um dos conflitos que levou a primeira guerra mundial foi a disputa pela dominação dos territórios, precisou-se fazer uma guerra para fazer o inventário do território mundial, que precisava ser dividido entre eles estava a África e a Ásia entre outros.

Porque o capital precisava territorializar estes continentes, e outras partes do mundo, em busca de riquezas minerais, de matéria prima para suprir as demandas dos estados nacionais e consolidar suas economias criando mercados consumidores, em todo planeta. Como ficam as partilhas dos territórios, para isso foi preciso pegar nas armas e morrer mais de 10 milhões de pessoas em todo mundo em uma guerra durou mais de 4 anos.

Mesmo assim as coisas não se resolveram na primeira guerra mundial, os conflitos se acirram ainda mais, o capital sofre uma crise violenta com a queda da bolsa de New York em 1929, no Brasil este momento marca a disputa entre Brasil agroexportador de territorialidade do capital que predominava no campo. Com a nova fase promissora da territorialização da indústria do capital sobre o território brasileiro. As empresas instaladas começavam a ter um caráter multinacional em uma dimensão mundial, a agricultura estava quebrada com milhares de toneladas de café sendo queimado proporcionado pela quebra da bolsa de New York, uma das maiores crises do capital mundial.

Com a segunda grande guerra mundial, tanto o capitalismo quanto o socialismo implantado com a Revolução Russa criou-se um bloco que dividiu o mundo entre duas grandes potências mundiais, de um lado coordenados pelos Estados Unidos tendo como capital Washington e por outro a União Soviética tendo como capital Moscou. Segundo vários historiadores da Universidade Federal da Paraíba entre eles (Heleno Rotta, Jonas Duarte) afirmam que foi a primeira vez que houve um acordo entre as duas potências Washington e Moscou para combater o exército nazista segundo (AURÉLIO era um movimento nacionalista alemão de feição racista chefiado por Adolf Hitler) que tinham como apoiadores a Itália e o Japão. O objetivo da Alemanha era expandir-se para outros territórios.

Nesta guerra, novamente de dimensão mundial, foram alcançados os objetivos da coalizão de derrotar a Alemanha mesmo custando mais de 40 milhões de vidas entre as quais 22 milhões de Soviéticos, um País que saiu vitorioso, mas com uma estrutura humana e material destroçados, foi a herança herdada pela antiga União Soviética. Segundo IANNI,(1996) A partir dai o mundo ficou dividido em dois blocos, dois sistemas, duas geopolíticas duas superpotências militares e nucleares sintetizaram o contraponto da chamada guerra fria dando a impressão de que ambos coordenavam estados nacionais e regimes políticos. Emergem ou desenvolvem-se relações processos e estruturas sociais, econômicos, políticos e culturais acentuando e generalizando a mundialização. A sociedade está em constante movimento em determinadas conjunturas está em luta de classes, quando há antagonismo de classes em disputa, ou há outro movimento não tão acirrado quanto a este que se chama conformação de classes.

Segundo IANNI (1996) as mesmas forças produtivas engajadas no desenvolvimento extensivo do capitalismo produzem tanto a integração como a fragmentação, as desigualdades reproduzem-se em todos os níveis e em todos os lugares. O capital não tem como ocultar as suas contradições ao mesmo tempo em que produz a prosperidade para alguns, está produzindo a desigualdade e a desgraça para maior parte da população. É da natureza do capital para crescer e avançar ele precisa destruir ex: as concorrências econômicas onde uma empresa para ampliar sua territorialização econômica deve desterritorializar quebrar as outras empresas menores. Outro exemplo um estado nacional para conquistar novos territórios ampliar abrangência de poder ele provoca um conflito gerando uma guerra e muitas vidas humanas são destroçadas, muitas estruturas materiais são destruídas.

Ainda conforme IANNI (1997) aparelhos e equipamentos, tais como o computador, televisão, telefax, telefone celular, sintetizador, secretário eletrônico e outros, permitem atravessar fronteiras, meridianos e paralelos, culturas e línguas, mercados e regimes de governos. Estão articulados em si e entre si, seguindo a mesma sistemática, em geral a mesma língua, predominantemente o inglês. E permitem transmitir, modificar, inventar e transfigurar signos e mensagens que se mundializam. Correm o mundo de modo instantâneo e desterritorializado, eliminando a duração. Criam a ilusão de que o mundo é imediato, presente, miniaturizado, sem geografia nem história.

O autor quer dizer que com essa parafernalha toda a sua disposição as empresas de capital transnacional e até mesmo as de capital nacional, por meio de seus executivos pode de forma simples, e com estrema segurança fazer o controle das empresas, como se estivesse no interior das mesmas, o que muito o facilitará, pois não perdem tempo com deslocamentos, e por conseguinte não tem despesas com transporte, estadia, hotel, alimentação, etc., isso tudo encurta distâncias, e é justamente isto que o capital tem interesse.

Também não podemos esquecer que a tecnologia está só no setor urbano, ela também está presente no campo, onde os pastos de hoje não tem nenhuma semelhança com os de antigamente e a produção já não depende só da terra e da natureza, pois quando os animais são levados para a engorda não veem pastos verdes, são colocados em pequenos piquetes, e são tratados com rações programadas por computador, para engordarem mais rápido, e também são tratados com altas doses de antibióticos e hormônios, o que facilitará com que vá mais cedo para o abate, e dessa maneira propiciar lucro mais cedo para o grande fazendeiro.

A pequena produção ainda continua em certos setores, só que nesses casos ela tem que servir aos interesses e as exigências das grandes multinacionais, onde o pequeno produtor produz a matéria-prima para a grande empresa, estes inclusive podem estar tendo até assistência técnica, além de créditos e preços mínimos garantidos pelas grandes empresas, pois as indústrias de grande porte não querem se dar ao trabalho de produzir diretamente. Um exemplo bem claro disto são as grandes fumageiras da cidade de Santa Cruz, que dão toda a assistência ao produtor, mas em contra partida este tem que atender aos ditames que lhe são impostos, muitas vezes correndo perigo de saúde, já que os agrotóxicos que são usados nessas lavouras contém um alto teor de insumos que na maioria das vezes são muito prejudiciais a saúde. Esse mesmo fato também ocorre em aviários, onde algumas grandes produtoras de alimentos também são grandes produtoras de aves e processam milhares de galinhas diariamente.

**As migrações e a mundialização.**

No texto que trata das migrações mundiais internacionais fala que:

Por hora é possível sugerir que a circulação internacional de pessoas, de saberes prático é um processo crescente que vem provocando mudanças nas dinâmicas pessoais, escolares, profissionais e institucionais em cursos nas classes, grupos, instituições, e nações. Afeta de modo desigual países ricos e pobres, classes abastadas e empobrecidas, diferente categorias profissionais, fazendo com que seja “urgente o debate sobre cidadania universal, os direitos humanos e integração solidária dos povos, considerando a presença de mais de 200 milhões de migrantes em todo mundo”. Mazza (2008).

Se fizermos o comparativo do número de migrantes que atravessam as fronteiras dos estados nacionais temos na verdade mais do que toda população brasileira considerada hoje em 190 milhões de pessoas, temos mais de 200 milhões de migrantes de todas as nacionalidades que percorrem o território do planeta terra de um lado para outro, sendo que grandes parcelas destes considerados ilegais, ou denominados clandestinos, querendo uma nova alternativa de vida, muitos com suas famílias e outros deixando seus familiares em seus locais de origens. Dessa maneira que a autora acima citada está solicitando aos direitos humanos um urgente debate sobre soberania universal e integração solidária dos povos do mundo.

Podemos analisar que tanto a migração interna como a externa, não decorrem de uma simples vontade de mudança do espaço, ainda que possa ocorrer em um momento que os grandes centros urbanos sofrem um pesadelo social para quem busca qualidade de vida, se este fator deve ser considerado, não há como negar que a determinante maior dos fluxos migratórios tem estado atrelado a dinâmica do mercado de trabalho e mais diretamente a estratégia de sobrevivência individual e coletiva. Neste sentido torna se praticamente impossível dissociar o fluxo migratório do mercado de trabalho, uma vez que este tanto fixa como expulsa dependendo das necessidades colocadas em momentos concretos pela dinâmica assumida pelo capital no atual período de sua mundialização. Santos (2006).

**A Mundialização e o sistema financeiro.**

No texto mundialização e o capital financeiro, um terço do comércio mundial resulta das exportações e das importações feitas pelas empresas pertencentes a grupos industriais que tem o estatuto de sociedade transnacional, enquanto que outro terço tem a forma de trocas dita de intragrupos entre filiais de uma mesma sociedade, situadas em países diferentes ou entre filiais e a sede principal. Estas trocas são livres e altamente planejadas ,elas não se efetuam no mercado, mas no espaço privado interno dos grupos e são faturadas no preço de transferência interna fixado sobretudo de modo a escapar o quanto for possível de imposto. Chesnais (2OOO).

O capital constitui seus meios legais para livrar-se das cargas tributária os grandes comércios e indústrias além territorializar sua infraestrutura a custo do estado firmam contratos acordos com o poder publico para isenção de impostos, além de não atender toda demanda da força de trabalho ali disponível.

Os fundamentos da mundialização atual são tão políticos quanto econômico. É apenas uma vulgata neoliberal que o estado é exterior ao mercado. É preciso recuar as representações que gostariam que a mundialização fosse um desenvolvimento natural. O triunfo atual do mercado não poderia ser feito sem as intervenções politicas repetidas das instâncias politica dos estados capitalistas mais poderosos como os Estados Unidos, assim como os outros países do chamado G7.Graças as medidas cujo ponto de partida remete a revolução conservadora de Margaret Thatcher e de Ronald Reagan, dos anos 1979-1981 o capital, consegui fazer soltar a maioria do freios e anteparos, que comprimiam e canalizavam suas atividades nos países industrializados. Chesnais (2000)

Os países capitalistas ou ditos estados nacionais sempre tiveram o controle de tomar as medidas econômicas em bloco como faz o G7 é preciso de qualquer forma manter a hegemonia do capital. Manter sempre as medidas governamentais que possam garantir o controle sobre qualquer ameaça que compromete a prosperidade e o futuro do capital.

Lembremos as razões pelas quais é preciso preferir a expressão mundialização do capital, do que àquela muito vaga mundialização da economia. Para um industrial e um financista Anglo-Saxões a globalização é realmente a mundialização do capital. A globalização não tem nada a ver com um processo de integração mundial, que seria portador de uma repartição menos desigual da riqueza. Nascida da liberalização e da desregulamentação a mundialização liberou ao contrário todas as tendências, à polarização e às desigualdades que haviam sido contidas com dificuldades, no decorrer das fases precedentes. Chesnais (2000).

Neste texto existe uma argumentação forte em prol da mundialização o autor faz sua análise trazendo todas as razões porque a mundialização traz mais sentido no desenvolvimento do capital, segundo ele a globalização é mais perversa, porque ela não integra ela prefere a rentabilidade máxima na acumulação e concentração de capital.

Conforme ORTIZ (2000) o processo de mundialização é um fenômeno social total que permeia o conjunto das manifestações culturais. Para existir, ele deve se localizar, enraizar-se nas práticas cotidianas dos homens, sem o que seria uma expressão abstrata das relações sociais. Uma cultura mundializada corresponde a uma civilização cuja territorialidade se globalizou. A velocidade das técnicas leva a uma unificação do espaço, fazendo com que os lugares se globalizem.

**O Trabalho e a mundialização do capital.**

O complexo de reestruturação produtiva sob a mundialização do capital tende a impulsionar em sua dimensão objetiva a metamorfose do trabalho industrial e a fragmentação da classe cujo os principais exemplos são a proliferação da subproletarização e do desemprego estrutural. Surge um novo e precário mundo do trabalho desenvolve-se em um novo salariato que poderíamos denominar de salariato tardio. São novas e cruciais provocações do capital para o mundo do trabalho organizado. É claro que a metamorfose do trabalho industrial e a fragmentação da classe são resultados dos processos sócios histórico estruturais de longa duração da sociedade capitalista. Alves (1999).

Na relação capital trabalho em todas as etapas do capitalismo sempre foi uma relação desigual, de um lado o trabalhador (a) desterritorializado sem os meios de produção, só tem a força de trabalho para ser vendida, ser explorada. De outro o burguês que territorializou os meios de produção e vai no “mercado” e compra a força de trabalho e começa a produzir mercadorias e apropriar-se da mais- valia, pagando um salário muito baixo ao trabalhador (a) dono da força de trabalho, que precisa manter-se vivo para continuar produzindo mais-valia para o capitalista em todos os lugares do mundo onde o capital já chegou. Por isso esta relação de exploração entre o capital e trabalho é mundializada e integrada com os territórios nacionais.

As novas indústrias que se desenvolvem nos países capitalistas centrais tendem a possuírem um novo perfil produtivo e tecnológico com uma nova classe operária industrial reduzida e concentrada, onde se verifica de modo claro a interpenetração entre o material e o informático onde o operário central tende ser mais qualificado e polivalente. No bojo da nova classe operária industrial se desenvolve um operário industrial periférico um subproletariado tardio de estatuto salarial precário. Alves (1999).

Hoje conforme o texto a precarização do trabalho na subordinação no subproletariado grande parte dos trabalhos terceirizados ou até mesmo em regime de escravidão os trabalhadores são submetidos nessa nova ordem do capital, um exemplo acontece aqui mesmo no Brasil com os nordestinos fugindo da seca e vindo para o sudeste e sul, os bolivianos em São Paulo trabalhando nas indústrias têxteis ou serviços gerais, os sul-americanos entre eles muitos brasileiros que cruzam as fronteiras do México enfrentando o deserto e a repressão policial rumo aos Estados Unidos muitos destes já ficaram pelo caminho. Os africanos que atravessam o Mar Mediterrâneo em embarcações precárias rumo aos países europeus muitos sendo presos e deportados, entre outros povos que se submetem a estas privações para continuar sobrevivendo arriscando até mesmo a própria vida ou da sua família mundializando com outros povos as experiências de vida.

Nessa mesma relação em que ocorre a globalização do capital, ocorre paralelamente a globalização do mundo do trabalho na esfera da fábrica global incrementada com a nova divisão transnacional do trabalho e da produção, vai ocorrer a passagem do FORDISMO para o TOYOTISMO e a dinamização do mercado mundial, tudo isso amplamente favorecido pelas tecnologias eletrônicas, surgem novas formas e significados de trabalho, essas transformações qualitativas e quantitativas que afetam não só os arranjos e a dinâmica das forças produtivas, mas afetam sobremaneira a composição da classe trabalhadora.

Conforme HAESBAERT (l998) nos anos 80, vários fatores se conjugaram para consolidar o processo que passou a ser denominado, mais do que economia ou capitalismo “mundial”, de globalização.O novo padrão tecnológico pautado na informática valorizou ainda mais o “ capital pensante” dos países centrais e acelerou brutamente os fluxos de capital, ao mesmo tempo que acentuou as desigualdades, com a exclusão das periferias, já mergulhadas na crise do endividamento externo que atrelou-as definitivamente ao circuito financeiro mundial e deu a organismos internacionais como o FMI,o GATT (atual organização Mundial do Comércio) e o Banco Mundial poderes nunca antes imaginados. Os fluxos financeiros e comerciais se incrementaram entre os centros do sistema econômico (para muitos agora “tripolar”, dividido entre EUA, União Européia e Japão) e as antigas vantagens comparativas das periferias, como força de trabalho barata e matérias-primas, tornaram-se bem menos valorizadas.

Essa mundialização do capital tende a dividir a classe operária, um exemplo claro do que está ocorrendo é a subcontratação e a terceirização da mão de obra, o que muito contribuiu para que as empresas não corram o risco com relação as reclamatórias trabalhistas, pois não haverá a chamada relação de trabalho, o que de certa forma vai favorecer-lhes, já que estas não terão preocupação social em relação aos funcionários.

É claro que as transformações do trabalho industrial e a consequente fragmentação da classe operária, é um processo que vem de algum tempo, o acumulo do capital vai impulsionar as perversidades do capitalismo e vai dar novas características a classe operária que antes era o operário de uma atividade única (fordismo), agora será o operário polivalente o chamado (toyotismo), este operário tem uma melhor qualificação e um elevado nível educacional bem superior ao operário de antes, pois o nivelamento dos trabalhadores é um dos componentes do toyotismo.

Conforme ALVES(1999) o complexo de reestruturação produtiva, impulsionado pelo surto de concorrência capitalista no mercado mundial, tende cada vez mais reduzir o proletariado industrial clássico[[2]](#footnote-2).

**A mundialização e os hábitos alimentares.**

O sistema de franquia carrega consigo uma “marca’’ forte e um “produto” que tem “uso” pré- determinado: ele vem pronto e acabado, é igual em todos os pontos de venda e, no local em que se instala ele dita as regras: quem vai consumir, como vai consumir, como vai manipula-lo etc. Para entender como se processam estas articulações de mundialização cultural no Brasil, através de sistemas de franquias foi necessário, limitarmos um pouco a abrangência do leque de questões que este tema nos apresentava. Foi neste momento que decidimos optar pelo estudo mais detalhado do segmento de alimentação (fast food) que quer dizer comida pronta e padronizada pois ele nos permitia compreender melhor como se processa a mundialização do gosto. Ortigoza (1996).

O interesse do capital em mundializar um padrão alimentar desterritorializa uma cultura alimentar mais localizada mais regionalizada apresentando um outro padrão americanizado de se alimentar, sempre correndo atrás do tempo, não dando tempo para fazer uma boa alimentação, optando por uma alimentação com baixa qualidade, industrializada na base de conservantes, muita energia, calorias e poucas vitaminas. Os consumidores deixam de consumir um produto nacional para se tornar um consumidor de comida com padrão mundializado.

Existe alguns produtos mundializados que percorrem o mundo na área da alimentação exemplo a Pizza Hut italiana, o Hambúrguer americano, nas bebidas, a Coca Cola e a Pepsi Cola, entre outros, as marcas de cigarros mesmo com algumas restrições na propaganda mas continuam a disposição do consumidor principalmente em todas as lanchonetes dos centros urbanos. Segundo ORTIGOZA(1996) um outro local que tem um poder de atração muito forte para população urbana é o Shopping Center pois os signos e símbolos são sinais que combinam com a distribuição especial dos produtos, fatalmente repercute na escolha feito pela população, geralmente em cada Shopping Center tem uma loja do Mc’donalds oferendo produtos prontos padronizados.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando no texto mencionamos a mundialização obra de Antonio Gramsci teria uma razão diferente quando mencionamos a mundialização do capital no mundo. Gramsci difundiu um pensamento anticapitalista e com sérios questionamentos sobre o papel e a conduta do estado como instrumento a serviço do capital difundindo a ideologia da burguesia, e sendo um mecanismo para controlar e reprimir a classe trabalhadora. Gramsci queria ver uma outra sociedade, mais justa e igualitária por isso ele dentro das ciências sociais deixou um legado do seu pensamento para ser seguido como filósofo, pedagogo, Historiador, e crítico literário sendo sua obra conhecida em todo mundo.

Foi um intelectual mesmo ainda muito jovem que não teve medo de mundializar o conhecimento. Ele não fazia distinção entre o senso comum, e o conhecimento científico. Todas as pessoas por natureza tem a capacidade de pensar e refletir sendo assim todos “são filósofos”. Cada um dentro da sua maneira de compreender, de ver, julgar, e agir, ajudando mudar o mundo. O grande debate que se deu neste primeiro texto foi com relação as duas maneira de se pensar a expansão do capital, de um lado os defensores da mundialização que é o objetivo principal deste artigo. Trazer todos os elementos analisados sobre esta referência diante das mudanças do capitalismo, e de outro lado os adeptos da globalização mais ofensiva e como esta teria com mais velocidade, modificado radicalmente a relação entre economia, espaço, território.

Com relação a mundialização trabalhamos com uma das obras de Milton Santos, Técnica, Espaço, e Tempo. Ele relaciona como fruto de um progresso técnico um relógio mundial, mas afirma que o tempo mundo é abstrato exceto o tempo como relação não é abstrato. Com relação a categoria lugar ele afirma que os lugares junto com as pessoas se globalizam pois quem forma os lugares são as pessoas e as pessoas se movimentam de um lugar para outro se familiarizando com outras pessoas. É no lugar que as pessoas criam cultura se fixam criam raízes ninguém esquece o lugar onde um dia morou, ou passou sua infância, adolescência, juventude, com seus país irmãos ou familiares. Muitas pessoas são desterritorializada de seus lugares e acabam sentindo muitas saudades. Dizia o grande poeta Machado de Assis em um de seus escritos: “Quem conhece bem o seu lugar onde vive, conhece o mundo”.

Assim o autor vai trabalhando que a cada momento mudam juntos o tempo o espaço e o mundo. O espaço por si só, não é um espaço mundial ele somente é um espaço mundial devido as relações que este espaço exerce entre todos os lugares. E por fim ele dá ênfase as descobertas realizadas pela técnica nunca conhecemos um mundo tão avançado igual hoje, quem tem o controle e acesso a tecnologia tem uma fatia avançada do poder que pode determinar em qual território vai exercer seu poder.

O tema da mundialização abrange uma área do conhecimento muito grande, veja a questão social como as pessoas vão convivendo nas diferentes sociedades, migrando de um território para outro, em busca de trabalho mudando a configuração territorial, desterritorializando os espaços antigos, e reterritorializando outros lugares, novas culturas, onde mudam os aspectos das relações econômicas, o controle político do estado não deixa de existir em qualquer circunstância porque as normas e as leis que regem o mesmo são mundializadas dentro das exigências do capital.

Ainda no aspecto econômico, o capital avança territorializando, desterritorializando, criando suas contradições, enriquecendo poucos deixando na miséria a maioria do povo, que paga a conta que socializa os custos do capital quando o mesmo entra em crise, mas não tem acesso na divisão dos ganhos dos lucros que são privatizados, no controle de um pequeno grupo de capitalistas. A possível mudança está somente na vontade dos povos de todas as nacionalidades em uma ação conjunta mundializada romper com este sistema perverso e construir os alicerces de uma nova sociedade mais justa para todos (as).

**REFRENCIAS BIBLIOGRAFIA**

ALVES, G. **O Trabalho e Mundialização do Capital, O novo (e Precário) Salariato Tardio,** Redes de Estudos do Trabalho São Paulo Unesp Campus Marilia,1999.p.69.

CHESNAIS, F. **Mundialização do Capital**, Xamã, São Paulo,2000,p 29.32.

GUIDO, L. **Pensamento de Gramsci na Época da Mundialização**, Versão atualizada do ensaio publicado originalmente em Crítica Marxismo, São Paulo, Novos Rumos, n.45, 2000. p32,65.

HIRST, Paul; THOMPSON, Grahame (1995), **Globalization in Question**. Cambridge: Polity Press.

HAESBAERT Rogério (org) **Globalização e Fragmentação no Mundo Contemporâneo**, Niterói; EdUFF, 1998. 308p.

IANNI, O. **A Sociedade Global**, Editora Civilização Brasileira,1996 p 56,67.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**A Era do Globalismo**, Civilização Brasileira 3 ed. 1997,Rio de

Janeiro 304p.

MAZZA, D. **Circulação Internacional; Praticas Formativas Ciências Humanas,** Boletim de Mobilização Internacional dos REMHV, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, Campinas, São Paulo, 2008,p 296.

ORTIGOZA, S,A,G. **Mundialização do Gosto,** Artigo Publicado no Vol. V/ 1997 da Revista Cadernos de Debate, uma Publicação do Núcleo de Estudos de Pesquisa em Alimentação da UNICAMP, Campinas, São Paulo,1996,p.02,03.

ORTIZ, Renato, **Mundialização E Cultura,** São Paulo; Brasiliense, 2000. 238p.

SANTOS, M. **Técnica Espaço Tempo**, São Paulo,Hucitec 1997 p,31,47.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ **Por uma Outra Globalização**, do pensamento único à consciência universal,14 ed. Rio de Janeiro; Record, 2007.

SANTOS, A. **Migração e Força de Trabalho**, Notas Para Debate, Pegada eletrônica, [www.prudente.unesp.br/ceget/pegada, Presidente](http://www.prudente.unesp.br/ceget/pegada,%20%20Presidente) Prudente São Paulo, 2006 p 23.

SARTRE, J-P. **L’Existentralisme est humanisme**. Paris: Gallimard, 1996. Col.Folio.

1. Mestrando de geografia, UFSM- [acossetin@gmail.com](mailto:acossetin@gmail.com)

   2 Orientador [↑](#footnote-ref-1)
2. Os dados estatísticos nos principais países capitalistas centrais, apresentados a partir dos anos 90, são impressionantes. Por exemplo, atualmente, menos de 17% da PEA, está empregada no setor industrial nos EUA. Entre 1981 e 1991, sob a “década neoliberal”, mais de 1,8 milhões de empregos na indústria desapareceram nos EUA. Mas, inclusive na Alemanha, entre 1992 e 1993, os capitalistas industriais – seguindo a lógica da economia de trabalho vivo e da intensificação de trabalho (intrínsecos à lean prodution) – eliminaram mais de 500 mil empregos apenas em um período de 12 meses. As projeções de alguns analistas sociais são mais radicais. Por exemplo, segundo um estudo da Federação Internacional dos Metalúrgicos em Genebra, citado por Refkin dentro de trinta anos, menos de 2% da atual força de trabalho em todo o mundo “será suficiente para produzir todos os bens necessários para atender a demanda total.” (Refkin, 1996: 8,9). [↑](#footnote-ref-2)